

Em certa amada ilha

Fig uma estacão.

Morrei com uma ondina
com imensa paixão.

Se à noite chovia
a ondina fugia
pra chuva, sem mim.

Tornei-me viúvo,
casara-me, sim,
com a má solidão.

Na vida sofrida
surgiram demônios
demônios da ilha
e da solidão.

A santa poesia
~~deixou de ser~~
ficou exaurida.

Nos ares havia
os mais belos pássaros,
nos lagos havia
peixinhos dourados,
mas a solidão
matava a poesia.

Então resolvi
 amar a ondina
 de dia.

Aí percebi
 que a ondina não tinha
 a carne das virgens
 do campo:

O beijo esbarrava
 em algas e conchas,
 Aluacos cingiam
 durezas de escamas.

Então resolvi
 fazer da ondina
 preta ou branca.

Aí a ondina
 abriu pra os espaços
 virou uma estrela
 de constelações.

Então resolvi
 fazer da ondina
 a deusa da ilha.

Sabendo do caso
 a ondina virou
 mulher dos leixada:
~~de~~ ali junto a mim
 gozava com os bichos
 desavergonhados.

Ai resolvi
 matar a ondinha.
 matei-a ha tres dias.

Eu vivo de-novo
 viuvo de-novo
 mais a solidão.

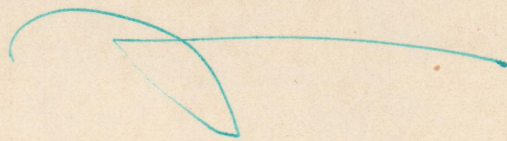
Enfim percebi:
 Das coisas da *vila
 eu não sei havia
 a minha camisa
 dos tempos sem pão.

Tirei a camisa,
 atei-a a uma vara:
 é o meu pavilhão.
 Sou vivo,
 sou viuvo,
 sou nu.

Ferreiros fã taba
 fusteiros ouvi:
 Camisa suada
 virou salvação.

Quebrou-lhe o casco, de quedas.

O cisado continuou
cantando o nome da fruta.



Meus irmãos em poesia,
a vida tem seus caprichos,
que ninguém sequer prevê:
É preciso vir da infância,
vir do céu ou ir da terra
cantando o nome das frutas,
matando a fome dos bichos.
Mussa, musad, mussá,
mussanguira, mussané.